

UMA HOMENAGEM AO INSTITUTO DE PESQUISAS AGRONÔMICAS (IPA)

ROMERO MARINHO DE MOURA

Academia Pernambucana de Ciência Agronômica, Recife, Pernambuco.

No dia 7 de setembro de 2005, o Instituto de Pesquisas Agronômicas do Recife (IPA), hoje sob a denominação Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária - IPA, completou setenta anos. Tive o privilégio de iniciar minha carreira profissional no IPA, ainda como estudante de agronomia, na função de estagiário da Seção de Fitossanidade, Setor de Fitopatologia, sob a orientação técnica da excelente micóloga Maria de Lourdes Nascimento de Aquino, que era também fitopatologista, e sob a chefia do Professor Mário Bezerra de Carvalho, diretor da Divisão de Pesquisa, e Chefe da Seção. Ilustre profissional, Dr. Mário Bezerra era uma excelência em cavalheirismo, dedicação à causa pública e à Entomologia, sua grande paixão profissional. Personagem inesquecível da História do IPA, além de Pesquisador, havia sido Diretor Geral daquela instituição no período de 12/05/45 a 27/02/59 exercendo, paralelamente, a Cátedra de Entomologia, na Escola Superior de Agricultura (ESA), onde foi Diretor, tornando-se mais tarde Vice-Reitor da então Universidade Rural de Pernambuco, atualmente Departamento de Agronomia (DEPA) e Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), respectivamente. Ao me apresentar para solicitar um estágio, o Prof. Mário Bezerra recebeu-me de modo atencioso e afável, como era seu modo de ser, e assim permaneceu ao longo da nossa agradável amizade que durou até a sua morte. Um verdadeiro Mestre! Na mesma época tive uma maior aproximação com outro grande líder do IPA, Dr. Mário Coelho de Andrade Lima; o termômetro da funcionalidade organizacional e administrativa da instituição. Era em direção ao Dr. Mário Coelho que convergiam as discussões e os entendimentos sobre praticamente tudo que ocorria de extraordinário no IPA. Sua autoridade e pulso forte eram características notórias a serviço do IPA e da UFRPE, onde ocupou a Cátedra de Eletricidade e Meteorologia, com acúmulo periódico de muitas funções administrativas. Sua capacidade de ajudar os menos experientes era admirável. Com efeito, ao retornar de um longo período

de estudos para obtenção do título de Ph.D nos Estados Unidos, sendo agora Professor Titular de Fitopatologia da UFRPE, contei com o apoio e experiência do Dr. Mário Coelho nos aconselhamentos e orientações para criação e início das atividades do Mestrado em Fitossanidade, incluindo a organização das Normas da Pós-Graduação. Sem tal apoio, minha missão seria quase impossível.

No ambiente do IPA respirava-se seriedade, competência e organização. Seus Arquivos Científicos (Arquivos do Instituto de Pesquisas Agronômicas da Secretaria de Agricultura Indústria e Comércio de Pernambuco) guardam até hoje valiosas contribuições à agricultura regional, algumas de reconhecimento mundial. Cito, escolhendo ao acaso, os estudos sobre raízes e tubérculos do Prof. Álvaro Alves da Silva, o acervo botânico de Dárdano de Andrade Lima e o Catálogo e Coleção de Insetos do Estado de Pernambuco, de autoria do Dr. Mário Bezerra, juntamente com seu fiel companheiro, pessoa muito querida por todos, Eng. Agrônomo Ambrósio de Oliveira Freitas, como exemplos de obras imorredouras. Por justiça, devo ressaltar que outros nomes e obras poderiam ter ser incluídos nestas citações. O sistema de trabalho do IPA era um estímulo à progressão funcional e evolução científica do pesquisador. Suas Estações Experimentais, muito produtivas e localizadas em diferentes regiões geográficas do Estado de Pernambuco, geravam constantemente novos dados de pesquisa e experimentação, que eram colocados à disposição dos agricultores. Os agrônomos e veterinários, maioria entre os pesquisadores, eram mantidos em seus ofícios pela competência e dedicação. Não havia espaço para os maus profissionais; eternos inimigos da sociedade. Havia sim, incentivos para se viajar e pesquisar nos campos das Estações Experimentais e para criação de novos projetos. Não faltavam diárias, transporte nem suprimento para pequenas despesas e material de consumo. A Biblioteca Central era pequena, porém bem organizada e atuante, possuindo adequado acervo de livros e periódicos. Como complemento às ações gerais do IPA, existia um efetivo relacionamento entre o IPA e a então Universidade Rural, iniciado com o primeiro acordo IPA-URPE, no ano de 1957. Por meio desse acordo, favorecia-se o intercâmbio técnico-científico entre as duas instituições e, com grande destaque, ressalto a criação do programa de estágio para estudantes de agronomia e veterinária nas unidades da Sede, no Recife, e nas Estações Experimentais.

Os Laboratórios do IPA eram simplórios, mas adequadamente equipados e com a manutenção necessária feita por firmas tradicionais da praça. A burocracia era simplificada e ágil. Os profissionais chegavam aos seus locais de trabalho exatamente

às oito horas da manhã e cumpriam horário integral, graças ao acompanhamento das suas ações pelos respectivos Chefes de Unidades e ao transporte gratuito e regular, oferecido pela Administração, que, no caso dos pesquisadores e altos dirigentes, eram apanhados em suas residências antes das oito horas e devolvidos após às deztoito, diariamente, exceto aos sábados, pois não havia expediente. Mensalmente, um pesquisador apresentava-se no Seminário Geral da instituição, com a presença obrigatória de todos pesquisadores, inclusive dos que trabalhavam nas Estações Experimentais, que se deslocavam para o Recife, em condução do próprio IPA. Antes das apresentações, havia sempre um encontro preliminar, informal, com sucos e café, possibilitando aproximação social e científica entre os pesquisadores. Tudo bem planejado. O debate era rico e a cobrança séria. Eram verdadeiras prestações de contas, pois tinham que ser apresentados resultados convincentes, individuais ou de grupos de pesquisa. Fiz minha primeira apresentação científica fora da universidade no Seminário Geral de IPA, submetendo à discussão minha dissertação de Mestrado, tendo sido uma ótima experiência!

Os resultados das pesquisas consideradas expressivas eram regularmente publicados nos Boletins Técnicos do IPA, muito procurados e adquiridos por profissionais, estudantes de agronomia, veterinária e público em geral, especialmente agricultores, pelo preço simbólico C\$1,00 (um cruzeiro). Meu primeiro trabalho de pesquisa publicado como profissional encontra-se no Boletim Técnico do IPA, Nº. 20, de 1967. Após a publicação, o autor recebia separatas em número suficiente para distribuição junto aos seus pares científicos e Serviços de Extensão Rural.

Fui contratado pelo IPA no mês de janeiro de 1966, mediante exame de seleção e entrevista, ocasião em que me foi feita a mais saudável das exigências que se podia fazer a um jovem formando em Agronomia na época; matricular-se em um Mestrado da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiróz, da Universidade de São Paulo, em Piracicaba; na ocasião, o mais evoluído Centro de Ciências Agrárias da América Latina. Os selecionados viajavam com bolsa da CAPES e salário integral. Não pensei duas vezes e ingressei no Mestrado em Fitopatologia, em 1966, retornando titulado em fins de 1967. Esse tipo de oportunidade era oferecido a todos os seus pesquisadores.

Era assim o IPA; agora, infelizmente, não é mais. A velha casa, ao modo da maior parte das instituições agronômicas brasileiras, está estagnada; agonizante; não por falta de dedicação e empenho dos seus valorosos técnicos e pesquisadores, mas por conta de uma nova conjuntura política, dita moderna, porém de prioridades

questionáveis. Aos que vivenciaram àquela época, restam lembranças de pessoas e de fatos memoráveis; aos profissionais de hoje, a esperança de melhores dias.

Como homenagem ao IPA no seu septuagésimo aniversário, reproduzo a crônica do Eng. Agrônomo Prof. João de Deus de Oliveira Dias (08/03/08-27/07/90), ex-Reitor e Prof. Catedrático da UFRPE, e ex-Diretor Geral e Pesquisador do IPA, publicada por ocasião da celebração dos primeiros 25 anos de existência do IPA (Arquivos do Instituto de Pesquisas Agronômicas, SAIC, Recife, PE, 5, 1960, pp.15-18). Trata-se de uma viagem ao passado, descrita por brilhante personagem do mundo agrônomo do Estado de Pernambuco. A matéria nos traz imagens do início do IPA, seu fundador, seus primeiros líderes e as lamentáveis demissões de técnicos; essas, as primeiras grandes dificuldades enfrentadas pela então jovem instituição, ocasionadas pela instabilidade da política nacional e estadual da Era Vargas e seu Estado Novo. Como um mau presságio, esse fato, tão bem descrito pelo Prof. João Dias, parecia indicar as dificuldades futuras que o IPA iria enfrentar geradas, principalmente, pelos maus políticos governantes.

Para terminar, fica o meu desejo de que as futuras gerações de técnicos, que venham se envolver profissionalmente com o sofrido campo nordestino e seus desassistidos agricultores, possam contar, num futuro próximo, com um novo IPA, igual àquele visto por privilegiados que, num passado já quase distante, foram testemunhas dos anos dourados desse grande patrimônio das Ciências Agrárias.

Crônica do Professor João de Deus de Oliveira Dias, Diretor Geral do IPA por ocasião das solenidades comemorativas dos 25 anos de fundação do IPA

Há precisamente vinte e cinco anos, era fundado o Instituto de Pesquisas Agronômicas, pelo Decreto n.º 376 de 12 de Março de 1935, do Governador Carlos de Lima Cavalcanti, na Avenida 17 de Agosto, n.º 1996, no arrabalde de Dois Irmãos, no Recife.

No dia 7 de Setembro, da Semana da Pátria de 1935, foi inaugurado festivamente o Instituto (Figura 1), surgindo para Pernambuco e para todo o Nordeste do Brasil como um Estabelecimento modelar da experimentação no país. Da experimentação que, na tríade: PESQUISA – ENSINO – FOMENTO, ocupa o vértice superior do triângulo, orientando o ensino e o fomento, ocupantes dos vértices basilares.

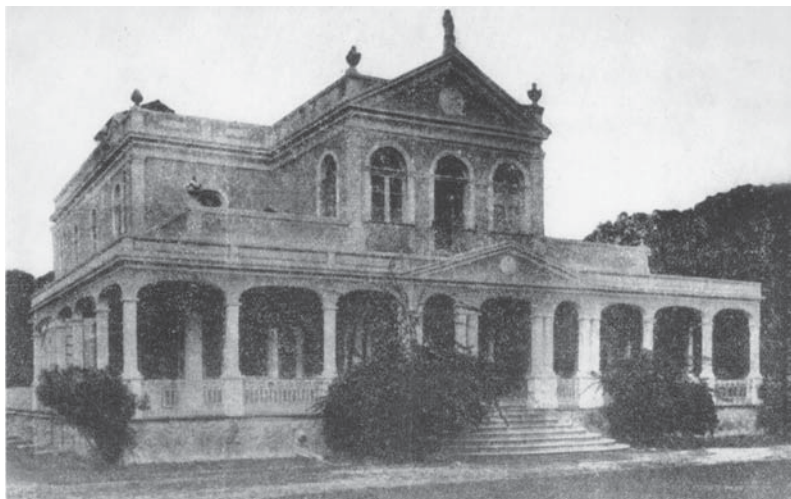


Figura 1. — Primeira sede do Instituto de Pesquisas Agronômicas de Pernambuco, situada na Avenida 17 de Agosto, n.º 1996, Dois Irmãos, Recife/PE. Período de 1935 a 1937.

Sem a pesquisa, sem a experimentação, no campo especulativo científico e econômico, é idealístico e virtual o ensino e empírico e rotineiro o fomento.

Nenhum princípio fundamental e nenhuma noção primeira se poderão admitir como verdadeiros, no domínio da Ciência, se não forem suficientemente comprovados pela experimentação.

Dentro desta ordem de idéias, foram plasmadas as normas traçadas pelo Dr. Álvaro Barcelos Fagundes, para dirigir a plêiade de cientistas, nacionais e estrangeiros, que, como insígnos pioneiros, desbravaram o campo científico em nosso Estado, em 1935, no verdadeiro sentido da pesquisa agronômica.

Contratados na Europa e na América do Norte pelo Dr. Paulo Estêvão Berredo Carneiro, Secretário dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, e orientados pelo Dr. Álvaro Barcelos Fagundes, depois, emérito Professor da Universidade Rural de Pernambuco, onde hoje se situa o Instituto de Pesquisas Agronômicas, trabalharam durante dois longos anos neste Estabelecimento os professores:

Ernst Reinau, Ph. D., na Secção de Solos, que tinha por finalidade estudar as características físicas, químicas e biológicas dos solos de Pernambuco, sua distribuição geográfica numa precisa carta pedológica, seu valor para as diversas culturas e investigação das possibilidades de conservação e aumento de sua fertilidade, mediante o emprego de adubos orgânicos e químicos, corretivos e usos de diferentes práticas culturais;

Sergei Lebedeff, M. S., na Secção de Matérias Primas, que tinha por objetivo estudar e pesquisar todas as substâncias de origem animal ou vegetal, com aplicação possível na indústria e na alimentação do homem e dos animais domésticos e realizar a inspeção bromatológica de todos os produtos importados pelo Comércio e destinados à alimentação;

William R. Mills, M. S., na Secção de Genética Vegetal, que tinha por fim estudar os fatores hereditários das plantas cultivadas e investigar as possibilidades do seu melhoramento;

Albert O. Rhoad, M. S., na Secção de Genética Animal, que colimava o estudo dos fatores hereditários dos animais domésticos com as possibilidades do seu melhoramento, bem como a indagação técnica e científica da alimentação animal, mediante o estudo agrostológico e toxicológico de plantas forrageiras e tóxicas para o gado bovino e demais rebanhos pastoris, Secção esta que foi, posteriormente, desdobrada na de Veterinária, que devia estudar o quadro nosológico das endemias e epizootias rurais, moléstias de carência e outras entidades mórbidas de caráter virulento, que afetam a Pecuária no Nordeste;

Jean A. Vellard, Dr. Med., na Secção de Microbiologia, que visava estudar as moléstias e doenças provocadas por micróbios e insetos parasitários, toxinas e vírus, a fim de determinar os meios adequados de profilaxia e terapêutica;

Jacques Callot, Dr. Med., na Secção de Imunologia, que tinha a função de fabricar vacinas e sôros biológicos, em colaboração com a Secção de Microbiologia;

Louis Pyenson, Ph. D., na Secção de Entomologia Agrícola, que tinha por finalidade identificar as espécies de insetos do Nordeste, em geral, e de Pernambuco, em particular, estudando a biologia dos mesmos e investigando as substâncias químicas antisséticas, de ação tóxica, residual ou sistêmica, aplicadas como inseticidas ou fungicidas;

Robert McCormack, Ph. D., na Secção de Fitopatologia, que estudava as moléstias das plantas causadas por fungos, bactérias ou vírus, investigando os métodos de profilaxia e terapêutica;

Otto Schubart, Ph. D., na Secção de Zoologia e Ictiologia, que tinha por fim estudar a biologia dos animais domésticos de pequeno porte, bem como a da fauna ictiológica marítima e fluvial da região nordestina e as condições de sua exploração racional e econômica;

Heitor Airlie Tavares, M. S., na Secção de Estatística e Experimentação Agrícola, que superintendia as Estações Experimentais de Algodão Mocó e Algodão Erbáceo,

existentes no Estado de Pernambuco, bem como cuidava do melhoramento das espécies vegetais cultivadas, nativas ou exóticas, através do “Inbreeding” ou cruzamento direto, e da introdução, adaptação e competição de novas variedades estrangeiras;

Apolônio Jorge de Farias Sales, no Serviço Experimental da Cana-de-Açúcar, que superintendia as Estações Experimentais de Cana-de-Açúcar do Estado e tinha por finalidade estudar o melhoramento das variedades existentes em Pernambuco e o comportamento das variedades estrangeiras introduzidas.

O Instituto de Pesquisas Agronômicas viveu, assim, os seus grandes dias, sob a direção do Dr. Álvaro Barcelos Fagundes, desde a fundação, no dia 12 de Março de 1935 até a data de 12 de Dezembro de 1937, dada a demissão do seu ilustre Diretor por motivos de ordem político-administrativa, tendo-o substituído, durante o ano de 1938 (13 de Dezembro de 1937 a 20 de Outubro de 1938) o Professor João de Vasconcelos Sobrinho, que transferiu a sua sede para o edifício da Escola Superior de Agricultura, em Dois Irmãos.

Com a saída do Dr. Álvaro Barcelos Fagundes, deixaram o Instituto todos os cientistas estrangeiros, sendo sucedidos nos cargos, que tão brilhantemente mantiveram, pelos técnicos brasileiros seus fiéis seguidores.

Ao Dr. Ernst Reinau, na Secção de Solos, substituiu o Prof. Adauto da Silva Teixeira; ao Dr. Sergei Lebedeff, na Secção de Materias Primas, o Prof. José Inácio Cabral Lima; ao Dr. Jean Vellard, na Secção de Microbiologia, o Prof. Sílvio Tôrres; ao Dr. Jacques Callot, na Secção de Imunologia, o Dr. José Ildefonso Ramos; ao Dr. Louis Pyenson, na Secção de Entomologia, o Prof. Luiz de Lima Castro, posteriormente, o Prof. Paulo Parisio Pereira de Melo, e, finalmente, o Prof. Mário Bezerra de Carvalho; ao Dr. Robert McCormack, na Secção de Fitopatologia, o Prof. Augusto Chaves Batista; ao Dr. Otto Schubart, na Secção de Zoologia, o Prof. Ivan Tavares; ao Dr. Albert Rhoad, na Secção de Zootecnia, o Prof. José Wanderley Braga, que, também, superintendeu a Secção de Veterinária, permanecendo no posto o Prof. Heitor Airlie Tavares, à frente de sua Secção de Estatística e Experimentação Agrícolas, tendo como colaboradores os Agrônomos Getúlio Cesar de Albuquerque, Rui Carneiro Pereira do Rêgo e Diógenes de Moraes Vasconcelos, e o Prof. João de Vasconcelos Sobrinho ficou na Secção de Botânica da qual foi de início o fundador e Chefe.

A Secção de Engenharia Rural, também criada, de início, ficou sob a orientação do Prof. Elpídio Domingues Lins.

Como se pode depreender desta substituição tão radical e extemporânea, dado o golpe de Estado de 10 de Novembro de 1937, num corpo de técnicos de uma Instituição Científica novel, porém de renome incontestado, tudo indica que os cientistas brasileiros, que substituíram os estrangeiros, estavam como de fato estiveram á altura de semelhante evento, contribuindo para a maior honra e glória do Instituto de Pesquisas Agronômicas e da Escola Superior de Agricultura da Universidade Rural de Pernambuco, de que todos hoje são eméritos professores.

Como se tornou evidente de tão inesperado acontecimento, Pernambuco preparou-se, em breve tempo, no plano técnico e no científico, para substituir, sem deméritos, a uma equipe de tão eminentes sábios.

Prof. João de Deus de Oliveira Dias
Catedrático de Agricultura Geral da U.R.P.
Diretor do Instituto de Pesquisas Agronômicas de Pernambuco.